

Morgan diz que não entregou plano para dívida a Ulysses

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Um porta-voz do J.P. Morgan — um dos maiores credores do Brasil — desmentiu ao GLOBO, ontem à tarde, que o banco tenha entregue ao Deputado Ulysses Guimarães um plano para conversão de parte da dívida brasileira em títulos, semelhante ao que foi acertado com o Governo do México na semana passada. A declaração foi acompanhada de um comunicado oficial da diretoria do banco, afirmando que houve apenas “uma conversa informal” entre um alto funcionário daquele banco e o Deputado, em Nova York. E nesse encontro, Ulysses ouviu sugestões de medidas que o Brasil deveria tomar para, no futuro, receber um tratamento igual ao dispensado pelo Morgan ao México.

A nota, divulgada em Nova York, diz que não houve qualquer contato formal da diretoria do banco com o Deputado. Ela afirma que Ulysses Guimarães solicitou — e lhe foi concedida — uma entrevista com o chefe do setor latino-americano do J.P. Morgan, Gonzalo de las Veras. “A reunião privada entre ambos foi

uma conversa informal, na qual foram abordados vários temas”, diz o comunicado. “Falou-se sobre as atuais relações do Brasil com a comunidade bancária internacional e seus possíveis desenvolvimentos — entre eles, os passos que o Brasil deve dar para chegar à posição de obter as vantagens de um plano semelhante ao que foi anunciado para o México há dias”.

Em meados da semana passada, o próprio Morgan havia enviado um documento a cerca de 400 bancos no mundo inteiro, explicando o plano acertado com o México, sobre a troca de parte da dívida por bônus, que têm no Tesouro dos Estados Unidos uma espécie de avalista. Depois de elogiado pelo “New York Times” em editorial, o plano mereceu ontem o aplauso do “Washington Post”. “Trata-se de um sinal importante da responsabilidade dos bancos para com as preocupações mexicanas — e, igualmente, da flexibilidade do México em partilhar de algumas das ansiedades dos banqueiros”, dizia o editorial do “Post”. O jornal comentou, ainda, que a saída é “um modelo altamente promissor de cooperação entre devedores e credores”.